

OPINIÃO

28 DEZ 2007

Econômica - Brasil

Ano positivo para continuar a lição de casa

MÁRCIO ARTUR
LAURELLI
CYPRIANO*

No início de 2007 havia dúvidas quanto às boas perspectivas da economia brasileira. Elas se desfizeram à medida que as estatísticas mensais e trimestrais foram se sobrepondo ao longo do ano. Tornemos a variação do Produto Interno Bruto (PIB). No período de 12 meses encerrado em setembro, este indicador apresentou alta de 5,2%. Como não se nota desaceleração da atividade neste último trimestre é bem provável que o resultado final do PIB supere os 5%.

A produtividade da indústria de transformação, impulsionada por fortes investimentos, cresceu 4,2% entre janeiro e outubro. De janeiro a novembro, o emprego industrial em São Paulo teve alta de 8,6% sobre igual período de 2007. Os índices nacionais de emprego, medidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), também dão conta de bom desempenho. O aumento da massa salarial, a criação de novos empregos e a aceleração do crédito bancário formaram um tripé que resultou em mais consumo por parte das famílias.

O investimento em máquinas e ampliação de instalações destinadas à produção também cresceu em níveis bem superiores aos de 2006. Este é um indicador (formação bruta de capital fixo) espe-

cialmente importante, pois revela a disposição dos empresários de aumentar a capacidade de produção para atender à alta da demanda. Quando demanda e oferta andam juntas, é menor ou nula a pressão sobre os preços.

A esses bons números contrapuseram-se outros. Houve aumento da inflação e o superávit em conta corrente aponta agora, depois de muito tempo, para uma tendência deficitária, que também pode perdurar. O aumento da inflação foi provocado pela alta dos alimentos, que é um fenômeno sazonal. A inflação merece, sempre, todo cuidado, mas, até onde se pode supor, a alta verificada não indica qualquer desajuste estrutural mais grave. O déficit em conta corrente, por sua vez, era esperado. O que o causou foi um aumento importante na remessa de dividendos e lucros. Aumento que pode ser interpretado como fruto do bom desempenho das empresas que operam no Brasil. Se fosse o contrário, simplesmente não haveria dividendos ou lucros a exportar.

Tomando esses indicadores em seu conjunto, percebe-se o início de um ciclo econômico positivo, que há muito não víamos. Por essa razão, empresas investem em ampliação da capacidade produtiva, apostando em um período de crescimento econômico prolongado.

As pessoas adquiriram confiança no futuro e assumem compromissos de longo prazo para a compra da casa própria. O crédito bancário também se expande com o financiamento de veículos e linhas à pessoa física.

A boa gestão da política monetária pelo Banco Central (BC) é, sem dúvida, uma das responsáveis por essa maior previsibilidade econômica, fator indispensável para gerar capacidade de planejamento a empresários e trabalhadores. Há quanto tempo não observávamos um cenário como este?

É nos momentos de fartura que devemos nos preparar para adversidades

Como, em economia, toda precaução é pouca e toda previsão é arriscada, vamos fazer uma pausa para analisar as dificuldades mundiais. O Brasil foi certamente beneficiado nos últimos anos pela grande liquidez internacional e pelo período prolongado de crescimento econômico dos países desenvolvidos. Mas, agora, há um clima de incerteza, que foi deflagrado pelo problema das hipotecas de alto risco nos Estados Unidos. E ninguém sabe ainda onde essa história terminará.

Seja como for, essa crise encontra o Brasil mais protegido, com fundamentos econômicos consistentes, com reservas cambiais sólidas, compromisso explícito de responsabilidade fiscal e uma política econômica direcio-

nada para a sustentabilidade. Além disso, o mundo mudou. O vigor econômico exibido pelos países emergentes pode compensar a eventual desaceleração nas economias desenvolvidas.

Os bons resultados de 2007 provam que a estabilidade econômica, construída com afinco, permitiu que a economia brasileira realizasse suas potencialidades. Mas, para obter um desenvolvimento econômico vigoroso, com crescimento do PIB da ordem de 7% ao ano ou mais, temos ainda uma boa estrada a percorrer. Todos sabem o que é preciso ser feito.

São as reformas estruturais (previdenciária, trabalhista e tributária), a melhoria do ambiente de negócios (ainda sofrível no Brasil), os investimentos inadiáveis em infra-estrutura. E também a contenção dos gastos públicos e o aumento da produtividade do setor estatal.

O Brasil pode hoje enfrentar a crise internacional com mais tranquilidade graças aos seus bons fundamentos. Mas também não devemos nos considerar imunes a ela. Esses problemas são importantes, pois nos lembram de manter os pés no chão, que o risco existe e que as coisas podem mudar rapidamente. Em 2008, teremos um cenário econômico favorável suficiente para continuar fazendo a lição de casa, pois é em momentos de fartura que devemos nos preparar para enfrentar adversidades, se elas vierem.

* Presidente do Bradesco. Próximo artigo do autor em 8 de fevereiro

2 0 0 8